

Luís Almeida Martins

HISTÓRIA
NÃO OFICIAL
DE PORTUGAL

UMA MANEIRA DIFERENTE DE CONTAR
COMO TUDO ACONTECEU

a esfera  dos livros

ÍNDICE

Um História diferente	17
1 – Quando os portugueses ainda não eram Portugueses	19
Os primeiros protagonistas tinham sangue frio	20
A Humanidade bate à porta	22
Os picassos do vale do Coa	22
Pedras velhas e pedras novas	23
Onde se mostra que toda a gente chegava aqui e parava.	24
Um lusitano se cá viesse agora sentia-se estrangeiro	26
As damas das citânias e os seus colares bárbaros	26
O português Viriato afinal era espanhol?	28
Quem tem boca vai a Roma...	30
Galba, o pérfido, ou o primeiro vilão da nossa História....	31
... e os três tristes traidores que se seguem	33
Sertório, ou também há romanos «bons»	33
Afinal, tornámo-nos romanos por vontade própria.	35
Roma, mãezinha querida	36
Na Lusitânia, sê romano!	37
Com um homem que era Deus, começa a contagem positiva dos anos.	39
As romarias são inauguradas por Prisciliano, o asceta	40
Esses bárbaros tão nossos amigos	41
Pronto, chegou a hora dos vandalismos	42
Os misteriosos Visigodos que teimam em esconder-se	44
Seremos nós visigodos sem o sabermos?	45
Entre o Castelo do Rei Wamba e a gruta da Nazaré	46
Eram milhares de cavaleiros a gritar «Allahu akbar! Allahu akbar!»	47
O conde Julião, a bela Florinda e o oportunista rei Rodrigo	48
De cimitarra em punho, cavalgar, cavalgar	50

Casas mouriscas e mouras encantadas	51
No tempo em que a Lua estava sempre em crescente.	52
O enigmático Pelaio, avô de todos nós.	54
Onde se descreve uma confusão de todo o tamanho	55
Hoje mouro, amanhã cristão, depois de amanhã se verá.	56
Condes e condados, ou o verdadeiro poder local	58
Antes do conde D. Henrique já tinha havido Vímara Peres	58
2 – Quando os portugueses resolveram ser Portugueses	61
Filho és, pai serás.	63
A verdadeira viúva alegre não é da opereta	63
D. Afonso Henriques bateu na mãe, mas sem ser com a mão	64
O nosso primeiro rei terá sido trocado em bebé?	65
Portugal cresceu para o Sul só porque não havia outro remédio	66
Pronto, cá temos o filho a bater na mãe	67
O primeiro desafio Portugal-Espanha, ou a guerra simpática	69
Estes é que foram mesmo de corda ao pescoço	70
A batalha mais misteriosa de todos os tempos	71
Um 5 de outubro importante 767 anos antes do 5 de Outubro	72
O detetive da História desvenda o enigma das Cortes-fantasma	73
Lisboa, destino turístico de guerra	74
O segredo da independência de Portugal	75
Como uma cruzada foi salva do descrédito	76
O que sabemos sobre a vida íntima do primeiro rei	77
Ementa de um jantar medieval à luz do sebo	78
Fazer amor sobre a pele do urso	79
A mãe assassinada e os adúlteros queimados	81
«Filhos de algo» de um lado...	82
... vilões, burgueses e restante «escumalha» do outro	82
A permanente rezinguice entre a nobreza e a Igreja.	83
Fazemos por esquecer a grande humilhação de D. Afonso Henriques	84
Nós vestimos roupão, ele usava Roupinho	86
Por fim, o reconhecimento internacional.	86
Demonstração de que uma coisa periclitante pode durar 900 anos.	87
Obrigatório ler as cartas ao rei em voz alta	89
Ir jogar a Sevilha e voltar com os três pontos	90
Uma guerra com tropas e cercos entre o rei e o bispo do Porto	91
Como as chamas do inferno fizeram do Porto um feudo do prelado	93
Quando um país é objeto de partilhas entre irmãos	94
Socorrei-me, Senhor, dos Mouros e das manas	95
Genro da irmã de Ricardo Coração de Leão e João Sem Terra	96
O príncipe que andava pelo palácio vestido de frade.	97
O que se passava entretanto na corte de um país de fadas.	98

O homem que entregou as chaves a um morto	99
Banhos escaldantes, ou o Algarve na mesa das negociações	100
O dia em que o papa contou uma fábula aos barões portugueses.	101
Fados e guitarradas à beira-Tejo	103
Emigrantes de luxo quando ainda não havia emigração económica	104
3 – Quando os Portugueses organizaram Portugal	106
A universidade que os lisboetas não quiseram e o que mais se verá.	108
Afinal, quanto menos IVA melhor	108
E cá está Portugal com o formato que todos conhecemos	109
O sucesso de um embaixador com 6 anos de idade.	110
O «mau» do milagre das rosas afinal não era D. Dinis.	111
O primeiro encontro de Alvalade.	112
Marido e mulher têm um encontro noturno longe de casa.	114
Quando tudo o que brilhava era ouro dos Templários	114
Resumo da longa história de um logótipo feliz	116
A grande salada da Batalha do Salado.	117
As ilhas dos canários que afinal eram dos cães	118
Em 34 hipóteses, este foi o único rei que teve uma só mulher	119
Os amantes do Mondego, ou Romeu e Julieta à portuguesa.	120
Uma história de terror na História de Portugal	122
Algumas das muitas injustiças de um rei justiceiro	123
Ratos e homens, ou a mãe de todas as pestes	124
O rei que tinha um cata-vento em cima dos ombros	126
De amor fraterno a amor carnal pode ir só um pequeno passo	129
Se houve uma atração fatal digna desse nome, foi esta.	130
Prova de que um rei sem cabeça pode legislar como se a tivesse	131
Se um exército incomoda muita gente, uma muralha incomoda muito mais.	132
Tcharaaan! – e cá temos o famoso condestável	132
Onde se aprende que o óleo alimentar pode operar milagres	134
Entrevista secreta entre arcas encouradas e tapeçarias flamengas	134
Um conde morre pelo ferro e um bispo pelo ar	136
Pensando melhor, dinastia há só uma, a do poder e mais nenhuma.	138
Este é que é o verdadeiro artista português	139
A mãe de todas as batalhas dá à luz uma polémica.	141
Uma invenção pré-histórica usada na caça ao homem	143
Da padeira <i>serial killer</i> aos arceiros <i>hooligans</i>	144
Philipa, a duquesa, torna-se D. Filipa, a rainha	145
Uma página de política europeia não tão maçadora como isso	146
O homem que nos soprou tudo ao ouvido	148
A inglesa rígida e o seu marido devasso	148
São estes os únicos ínclitos de que há memória	149

4 – Quando os Portugueses exportaram Portugal	151
Meter-se em altas cavalarias nem sempre dá mau resultado	152
O Algarve de Além-Mar ainda não é bem a África (mas quase)	153
Quando os Portugueses descobriram que há mar e mar, há ir e voltar	154
Pensando melhor, chapéus há poucos...	156
... embora caravelas haja muitas	159
O mar tem tantas ilhas como as árvores têm folhas	160
George Sand em <i>O Caso do Tinteiro Entornado</i>	161
<i>A Ilha Misteriosa</i> quatrocentos anos antes de Júlio Verne	162
África abaixo, à caça de homens e à cata de ouro	163
O infante que foi santo mesmo sem o querer	165
Era uma vez um rei infeliz.	167
Não basta estar moribundo, ainda por cima coloca-se um dilema	168
As sete partidas do Mundo, ou melhor, da Europa	169
Breve tratado sobre como educar um jovem.	171
Começa a ouvir-se o fado do regresso ao passado	173
Crónica heroica de uma cruzada que não chegou a partir	174
Um português sonha com o trono castelhano e esforça-se por não acordar	176
Um passarinho entra sem receio na toca da <i>Raposa</i>	177
Um rei perdido, um seixo arremessado e uma cabeça presa aos ombros	179
D. João II e as cartas comprometedoras	180
Quando um seixo atinge o alvo alguns anos depois de arremessado	181
O dia em que escorreu sangue do punhal do rei	182
Um castelo europeu na África a sul do Sara	183
Quando a Espanha e a França pediam desculpas a Portugal.	185
Caravelas navegando no interior da selva	185
Reaparece o homenzinho do sotaque italianado	186
Portugal e Espanha jogam ao Monopólio	188
O verdadeiro espião de D. João II não se chamou Colombo.	189
O homem que batizou o Cabo como devia ser	191
Quando a rainha foi às Caldas que ainda não existiam	192
Para baixo Todos os Santos ajudam, mesmo nas calamidades.	193
A queda de cavalo que deu origem à Espanha	194
História verdadeira de um frade inexistente.	195
Balanço de uma péssima relação conjugal.	196
Um rei com sorte que não era um rei consorte	196
Uma mulher em troca de milhares de vidas	198
Como um só reinado pode ter três rainhas	200
O Velho do Restelo seria mesmo um grande chato?	200
A corrida de 400 metros obstáculos de Fernão Veloso na África do Sul	201
Árabes encontrados onde não deviam estar	203
Os canhões fazem pela primeira vez barulho no Índico	204
Nasce uma bela e improvável amizade.	205

<i>Portuguese spoken</i> em Kappakadavu nos finais do século xv	206
Gargalhadas a mais na corte do samorim	207
Jogos malabares sem maçãs indianas.	208
Existe ainda outro continente, mas não contes a ninguém.	210
«Mulheres novas que assim nuas não pareciam mal»	212
A Pocahontas brasileira foi aquela moça Paraguaçu	213
É a brincar que se dizem as coisas mais sérias.	214
Senhoras e senhores, é o <i>Marte Português!</i>	215
Quando os Portugueses venciam batalhas decisivas	217
O papa foi borrifado pelo elefante mas não levou a mal.	218
Planeta Terra ou planeta Magalhães?	218
Como um oceano belicoso se chamou Pacífico	220
Aventuras de um francês nos mares quentes.	221
Se não tens lima, seduz a mulher do carcereiro	222
Venenos poderosos e saltos altos	223
O verdadeiro inferno afinal era na Terra.	224
A «ordem negra», Lutero e o Barba Azul	225
Fernão, Fernão, com a verdade me enganas	227
Onde se prova que um desconhecido pode ser famoso.	228
Quando Portugal foi uma superpotência mundial	230
Uma palestra de economia esperemos que pouco chata	231
Ninguém te obriga, mas tens de ser católico.	232
Grandes vigarices na África Oriental.	232
Quer ouvir uma história com barbas?	234
Portugal cruza-se com Grace Kelly sem abrir a boca	235
Sebastião não é nome de rei, e viu-se.	236
O chefe de Estado que queria ser alvejado pela sua própria artilharia	237
A batalha de que nunca apetece falar	238
Como um padre pode chegar a rei e o que mais se verá	239
5 – Quando os Portugueses perderam Portugal	242
O dia em que as vacas dos Açores derrotaram o exército espanhol.	243
Veja a triste figura que fizeram os amigos de Peniche.	244
As quatro mulheres e as quatro amantes do rei frade	245
Como foi vencida uma armada invencível.	247
O mito que legitimou Sidónio e Salazar	248
Continuámos a ser Portugueses, mas pouco.	250
Afinal o cardeal Richelieu até era simpático.	250
6 – Quando os Portugueses ressuscitaram Portugal	252
Vistas as coisas, o Capitão Fracasse pode ser muito pacato	253
A revolta muito séria que foi feita em nome de um louco	254
Uma manhã inesquecível que há quem queira fazer esquecer	255

Portugal, 4 – Espanha, 0 (e muitos golos falhados)	256
A Holanda foi «o senhor que se segue»	257
O vitorioso que perdeu o trono, a mulher e tudo quanto tinha	258
A tempestade Francisca atinge a corte de Lisboa	260
<i>God don't save the queen</i>	261
O dia em que o exército português conquistou Madrid	263
Uma rainha despeitada e outra que usava brincos fatais	264
Um rei pode ofuscar e não ser brilhante	264
A batalha naval que valeu um patriarca	265
O padre voador que nunca levantou voo	267
Filho de peixe, D. José sabia nadar em menos água.	269
D. Sebastião II, ou o homem que foi rei no lugar do rei	271
Do Tamisa castanho ao Danúbio azul	271
O Terramoto que não precisa de mais nenhuma identificação.	273
Uma velha (cidade) submete-se a uma operação estética.	274
A Guerra Fantástica em que (quase) não foi disparado um tiro.	275
Aristocratas esquarterados por ordem de um aristocrata.	276
Atribuições de um morto ao longo dos séculos	277
7 – Quando os Portugueses quiseram governar Portugal	279
A grande vigarice que desencadeou a Revolução Francesa.	280
A rainha beata, o estroina Bocage e as «moscas» humanas	282
A mulher que fechava os olhos e via o pai transformado em carvão	283
Portugal mete-se ao barulho e nem imagina o que aí vem	285
Quando Portugal invadiu pela primeira vez a França	286
Invasão espanhola? Essa tem piada!	288
Ramos de laranjeira para a rainha não-virgem	290
Guerra no Brasil? Tudo joia!	291
O embaixador que dava ordens ao rei	292
Quando o Grande Exército andava descalço e tinha a pólvora húmida	293
O dia em que o general ficou a ver navios.	294
A história louca de uma corte europeia na América	295
O rei que andava com coxas de frango nos bolsos	297
O francês que sonhava ser el-rei Junot I de Portugal	298
A invasão dos casacas-vermelhas a que nunca se chamou invasão	299
A fúria dos vivos e o vinho dos mortos	301
O verdadeiro fôlego de Luísa Todi demonstrou-se fora do palco	302
A noite em que o jantar de Soult foi servido a Wellington	303
Quando a <i>guerrilla</i> passou a ser escrita com «lh»	303
Outra vez portugueses contra portugueses	304
Os canhões do Buçaco, ou muito barulho para nada.	305
As Linhas de Torres são mais que nome de alameda	306
Quando a União Soviética se chamava França	307

Pensando bem, os inimigos eram menos maus do que os amigos	308
O marechal respeitador, o rei exilado e os mártires enforcados	309
Senhoras e senhores, chegam finalmente as ideias novas	310
Constituições, dentistas, gritos e outras dores de cabeça	312
Como um rei pode estar à vista de todos e ninguém dar por ele	313
O absolutismo contra-ataca.	314
Quando se fala de guerra civil é desta que se está a falar	315
Dois irmãos jogam à batalha naval para passar o tempo	317
O homem que era liberal na rua e ditador em casa	318
Como o Liberalismo pagou as dívidas com os bens da Igreja	319
Cuidado, que vem aí uma grande trapalhada	320
Quando a esquerda chegou pela primeira vez ao poder	321
Marchais revoltados não parece ser boa coisa	322
A enorme cambalhota do primeiro animal político.	322
Uma grande reacionária chamada Maria da Fonte	323
Outra vez a guerra civil, ou a prova de que ninguém aprende nunca	324
Onde se mostra que ainda hoje há «cartistas» e «setembristas».	325
Só se regenera o que está em decadência.	326
Fontes Pereira de Melo no mundo de Júlio Verne.	328
O dia em que damas e cavalheiros naufragaram em terra	329
O que foi o Primeiro de Janeiro antes de ser nome de jornal	331
Precisamos de uma lupa para ver o operariado	332
Em que se fala da rainha <i>Gorda</i> e de Richard Wagner	333
Terá sido assassinado o mais bem-amado de todos os reis?	334
Pedro e Estefânia davam-se bem ou nem por isso?	335
O rei, a atriz e outras amantes caras	336
Houve quem abolisse a pena de morte antes de nós	337
Quando a África foi repartida sem os Africanos saberem	338
Os fardos do homem branco e os seus carregadores	340
Com amigos destes não preciso de inimigos.	340
Aqui está o que pode vir a acontecer-nos outra vez.	342
O empréstimo que demorou 99 anos a ser pago	343
Como um crime num convento prenunciou a República.	343
Não são precisos Mouros para um rei ser conquistador	344
A História dá uma rotação de 360 graus	345
Vamos lembrar um massacre esquecido	346
Começa a dar nas vistas uma bela mulher chamada República	346
Sonho de uma manhã de inverno, na margem do Douro.	347
O que vem a caminho só pode ser a República	348
A confiança quando é a mais pode ser fatal	349
Como tiros destinados ao primeiro-ministro podem acertar no rei....	350
... e como matar o rei na rua pode ser uma coisa natural	351
Como a monárquica Inglaterra autorizou a revolução republicana.	352

Afinal, a revolução de 5 de Outubro foi no dia 4	353
Uma espreitadela para dentro do palácio	354
8 – Quando os Portugueses refundaram Portugal	356
Foram estes os culpados da confusão ortográfica	358
Como um maço de cigarros desencadeou a maior das guerras	359
Demonstração de que a diplomacia de 1914 era pouco diplomática	361
Não há unidade que resista quando se chega ao poder.	363
Venha conhecer pessoalmente os «defensores de Chaves».	364
Portugueses e alemães já se matavam em tempo de paz...	365
... ou uma guerra esquecida à Corto Maltese	366
Uma grande guerra que vinha mesmo a calhar, diziam eles	367
«Ditadura militar» contra «ditadura democrática». Quem ganha?	368
Monárquico, escuta, o povo está em luta	369
O dia em que a lei de Lynch vigorou no Entroncamento.	370
Como, num dia, a Marinha portuguesa se viu aumentada em 70 navios.	370
Foi a filha de Maomé que batizou o santuário católico	371
Viva Sidónio Pais, ou a demagogia ao poder	372
Uma reedição de Alcácer Quibir em clima frio e húmido	373
O repórter inventor, o assassino inimputável e o presidente agonizante	374
Crónica breve da monarquia sem rei que durou 25 dias	375
Onde se verifica que a gripe espanhola devia chamar-se gripe francesa.	376
Comunismo e fascismo, ou o começo do verdadeiro século xx	376
Um governo dura cinco minutos e Salazar fica só um dia em São Bento	378
Pólvora, sangue e lágrimas na noite mais sangrenta da política	379
O voo Lisboa-Rio de Janeiro que demorou 82 dias	380
Filomeno, Fidelino e outros Fifis adotivos	381
Um homem de talento, diria Patricia Highsmith	382
O movimento que se foi autodevorando até ficar só o intragável	383
A «guerra» de 1927, ou o último combate da República	385
O homem que disse não à <i>troika</i> em 1928	386
Quando Salazar foi inventado pelos vencedores do golpe	387
Acenda a luz, que entramos na escuridão dos anos 30	388
As horas em que a Marinha Grande foi uma república soviética	389
<i>Arriba Portugal!</i> , ou a guerra civil em que entraram estrangeiros	390
Uma batalha naval no Tejo há menos de 80 anos.	392
A guerra que foi tudo menos um jogo de computador	393
Que piada vem a ser essa de D. Salazar, o <i>Neutral?</i>	395
Quem tem os Açores tem tudo, quem não os tem não tem nada	397
Belém, capital do paraíso triste	399
O homem que salvou 30 mil vidas e pregou enxaquecas a Salazar	400
Quando uma cidade com 3000 anos se tornou o símbolo da esperança	400
Espiões atrás de um rei na Estrada da Boca do Inferno	401

Como se pode sobreviver à Guerra da Secessão e morrer na Segunda Guerra Mundial	403
Quando Portugal foi ali combater à Segunda Guerra Mundial	404
Portugal foi ocupado pelos Japoneses? Foi	405
Salazar venceu o MUD, mas ia sendo derrotado por Carolina Asseca	407
Quando a tropa voltou a fazer abanar a ditadura, mas pouco	408
Como um candidato pode ganhar as eleições mas perdê-las.	410
Meia dúzia de encenações dispendiosas à beira-Tejo	413
Onde se demonstra que os piratas podem sê-lo apenas na aparência	414
Como o MPLA colocou na cabeça uma coroa de louros alheia	415
Quando os «enviados de Maria» trouxeram a mensagem da guerra	416
A madrugada em que os colonos acordaram para morrer em seguida	417
A estranha tarde em que os conspiradores obedeceram ao Governo	418
Em Nambuangongo, tu não viste nada	420
Como levantou voo para a História o verdadeiro avião de Casablanca	420
Revela-se o final de uma história começada 463 anos antes	422
As últimas aventuras do <i>General sem Medo</i>	423
Estudantes revoltados, mudança de regime assegurada	424
Em que o ditador cai literalmente da cadeira e abandona o Governo	426
O homem que continuou mais do que evoluiu...	428
... e o incapacitado mental que dava instruções aos ministros	429
Quando Portugal esteve «em guerra» com o Vaticano	430
Um país empata contra o resto do Mundo	431
O dia em que porcos fardados de almirante passearam em Lisboa	433
Houve um livro que toda a gente comprou e ninguém leu.	434
Quando se diz que reina a ordem, é porque não reina	435
Marcelo escolhe Spínola para herdeiro	436
O verão de oito meses em que a guerra civil só por acaso não rebentou	438
Guerra Fria, Verão Quente e temperaturas intermédias	440
Como a população pode crescer sem que aumente a natalidade	441
O espião que veio para o quente	442
«Não há truque que não lucre ao FMI!»	443
Prova científica de que a morte conduz à vida eterna.	445
Prepara-se a entrada em cena de uma mulher misteriosa.	446
Agora, uma história sem príncipes mas com sapos	447
Europa: mãe, madrastra ou antes pelo contrário?	447
9 – Quando os Portugueses se cansaram de Portugal	449
Portugal e a Grécia, irmãos e inimigos.	450
Alegrias e tristezas à beira-mar	451
Retrato de grupo polémico com português a sorrir para a objetiva.	452
Quem se expõe a dois fogos cruzados é atingido duas vezes.	453
E, para rematar, a <i>troika</i> do nosso descontentamento	454
Histórias, há muitas	457

Uma História diferente

Se abriu este livro, por favor não o feche antes de ter lido estas duas primeiras páginas. É muito rápido.

Sim, o que tem nas mãos é uma História de Portugal, mas diferente de todas as outras. Ao contrário dessas, que são senhoras de saia-casaco, esta veste da maneira informal. E conta os factos de forma divertida, desmistificando muitas ideias feitas. Não é por nada, mas, olhando para as coisas deste modo, começa-se por uma ponta e o difícil é parar antes de se chegar ao fim.

Lendo as páginas que se seguem ficará a saber, por exemplo, que Portugal não foi tirado de uma cartola por D. Afonso Henriques e que a história humana deste território onde nascemos e vivemos é 500 vezes mais longa do que a que nos separa dos tempos do primeiro rei. Mas que, apesar disso, Viriato não era propriamente português e que os Lusitanos não foram os nossos únicos antepassados. Que o «eterno» D. Afonso Henriques talvez não fosse filho do conde D. Henrique e que não batia na mãe. Que os portugueses que em 1385 consolidaram a independência derrotando os castelhanos em Aljubarrota não passavam de um grupelho de *punks* considerados uns aventureiros pelos bem-pensantes, e que o próprio D. João I chegou a ponderar se havia de mudar de campo. Que o infante D. Henrique não fundou uma escola náutica em Sagres. Que não fomos nós que, no início do século XIX, derrotámos os Franceses de Napoleão, mas sim os nossos aliados ingleses. Que estes, afinal, eram mais aliados... deles próprios do que nossos. E muito mais, claro!

É sabido que, para se aderir verdadeiramente àquilo que se está a ler, sem ser preciso disfarçar bocejos, é preciso sentir prazer imediato na leitura. Há cento e tal anos houve autores capazes de levar a História ao público e de o manter entretidíssimo. E o certo é que as pessoas mais ou menos cultas

desse tempo – finais da Monarquia, princípios da República – conheciam melhor do que nós a História de Portugal. Digamos que eram capazes de relacionar o presente com o passado e de, assim, entenderem os acontecimentos muito melhor do que se se limitassem a viver o imediato, como se estivessem fechadas num quarto sem vista para fora.

É esse conhecimento global mas ameno da História portuguesa, assente no gosto e no gozo, que aqui se pretende ressuscitar. Não existe altura mais oportuna, agora que estamos enterrados até ao pescoço (ou talvez ainda um pouco mais) numa crise de se lhe tirar o chapéu (se ainda usássemos chapéu e se as crises merecessem ser cumprimentadas). Ora, crises semelhantes a esta houve já outras no passado, e não se perde nada em conhecê-las – o que é uma maneira eufemística de dizer que se ganha imenso.

Bem, e já agora que leu estas duas páginas, avance para as seguintes antes que se faça tarde.

Pode crer: ao contrário das outras Histórias de Portugal, mais eruditas, esta lê-se de seguida e com um sorriso nos lábios.

Toda a gente sabe que só nos rimos das coisas sérias.

26 de fevereiro de 2015

Quando os portugueses ainda não eram Portugueses

Durante a maior parte da História de Portugal (que é como normalmente chamamos à História dos Portugueses), não havia nem Portugal nem Portugueses. Isto vem provar que os nomes que damos às coisas não são tão importantes como parece. Sim, se não nos chamássemos Ana ou João ou chamar-nos-íamos Catarina ou Carlos, e tudo seria igualzinho menos os nossos nomes. No caso de Portugal, existia há muito a terra a que hoje chamamos assim e que ia tendo diferentes designações ao longo dos tempos, e nesta terra morava gente – ou seja, Portugueses que ainda não tinham este nome. Foi assim ao longo de muitos milhares de anos, 25 mil invernos pelo menos, ao passo que a entidade política chamada Portugal ainda não completou nem sequer 900 primaveras.

Um tanto paradoxalmente, damos porém muito mais importância a estes 900 anos do que aos 24 mil que os precederam – e que incluem a Pré-História, a Antiguidade e o princípio da Idade Média. Pensando bem, não admira que assim seja, pois gostamos mais de falar daquilo que está mais próximo de nós e, sobretudo, do que conhecemos melhor.

Apesar disso, alguém disse uma vez que as épocas sobre as quais é mais fácil escrever são a atualidade e a Pré-História. A atualidade, claro, porque nos parece que sabemos tudo sobre ela (embora na verdade entendamos muito menos o que se passa à nossa volta do que pensamos). A Pré-História, porque desconhecemos quase tudo a seu respeito, o que nos permite libertar a imaginação e fazer à vontade um filme onde aparecem homens toscos vestidos de peles mal cortadas a arrastar pelos cabelos mulheres trajadas de modo idêntico (mas isso não é um trabalho sério). Ambas as ideias são, portanto, falsas. Mais até: tanto uma época como a outra são as mais ingratas e delicadas de abordar. Ora, como acerca dos nossos dias só falaremos

no final do livro, esse problema fica adiado por uns tempos, e talvez até lá – mais austeridade, menos austeridade – as coisas mudem um bocadinho. Porque a História é mesmo assim: constrói-se a cada dia, mesmo que a maioria das pessoas não repare nisso.

Quanto à Pré-História, vamos tratar dela sem mais demoras. A verdade é que o lugar dela é no princípio, e fica desde já combinado que iremos reconstituir esta aventura coletiva das pessoas a que hoje chamamos Portugueses e da sua terra como deve ser, ou seja, na devida ordem.

OS PRIMEIROS PROTAGONISTAS TINHAM SANGUE FRIO

Podíamos fantasiar e começar por contar uma provável história de amor passada há 80 milhões de anos, mas isso seria desviarmo-nos do assunto, visto que nesse tempo ainda não existiam nem Portugueses nem sequer a espécie humana. A pergunta de algibeira é: então, nessas circunstâncias, como poderia ter ocorrido uma história de amor? Quem eram os apaixonados? Qualquer criança responderia sem pestanejar: Romeu e Julieta eram dinossauros.

Pensando bem, o melhor é começar mesmo por aí – e já verá por quê. Um belo dia, um pachorrento casal de dinossauros herbívoros resolveu dar um passeio pela zona de Carenque, a noroeste da Amadora, nos arredores de Lisboa. (Escusado será lembrar que ainda não havia nem Carenque, nem Amadora, nem Lisboa.) Com tanta sorte que as suas pegadas, devidamente fossilizadas, permaneceram até aos nossos dias na extensão de 120 metros. Nos finais do nosso século xx, transformada essa pista dinossáurica em monumento nacional, houve que enterrar a circular regional numa extensão de perto de 300 metros, razão de ser do Túnel de Carenque. À época do passeio dos nossos apaixonados, que se estendeu entre há 99 milhões e há 65 milhões de anos, chama-se Cretácio Superior, e seguiu-se ao Cretácio Inferior. Atenção, que ainda não se trata de épocas históricas, que têm a ver com a Humanidade, mas sim de períodos geológicos, relacionados com a História da Terra. E aqui está, pois, o motivo que nos levou a fazer arrancar neste ponto a História dos Portugueses: é que os tais dinossauros românticos interagiram connosco, visto que nos obrigaram a desviar uma estrada. De certa forma, desempenharam (desempenham ainda) um papel na nossa História.

Mas antes de terem nascido os nossos amigos de Carenque, a vida no Planeta já tinha passado por outras fases, a mais mediaticamente famosa das quais é, sem dúvida, o Jurássico Superior, sobretudo devido ao êxito do filme de Steven Spielberg *Parque Jurássico*, inspirado no romance homónimo de Michael Crichton. A Terra era então dominada por animais de aspeto assustador, o que explica a palavra «dinossauro», que em grego significa «lagarto

terrível» (isto porque há lagartos que não metem medo nem a uma mosca). Apesar da aparente abundância dos conhecimentos de que dispomos acerca destes nossos irmãos (como os trataria sem dúvida S. Francisco de Assis, se tivesse sido seu contemporâneo), na realidade a ignorância a seu respeito é enorme. Por exemplo: não sabemos ao certo de que forma se extinguiram, nem se tinham sangue quente ou frio (se calhar era morno, e ficamos por aqui). Quando se começou a pensar no assunto, há uns 170 anos, atribuiu-se-lhes um parentesco com os répteis, e daí o nome. Depois, houve quem os aproximasse mais da categoria das aves, e a coisa permanece indecisa. Talvez ambas as hipóteses sejam válidas. (Pensando melhor, que eram seres de sangue frio nem se discute, pois de outra forma não poderiam ter resistido tão fleumaticamente às adversidades deste mundo cão durante os 135 milhões de anos que por cá se aguentaram.)

Ora, noutro ponto do atual Portugal, outros simpáticos dinossauros deixaram as suas pegadas impressas numa falésia. Foi na Lourinhã, local onde também nos finais do século xx foi construído um museu evocativo desse passado tão remoto que chega a provocar intensas vertigens e ligeiras náuseas. As espécies detetadas, que terão vivido há 150 milhões de anos, portanto muito antes dos nossos «irracionais» amantes de Verona (perdão, de Carenque), foram batizadas com os ternurentos nomes de *Lourinhasaurus* e *Lourinhanosaurus*, em homenagem à sua terra natal.

Para se fazer uma ideia do que representam estes números, basta recordar que a espécie humana existe, quando muito, há 2,5 milhões de anos, e com o aspeto físico que conhecemos «apenas» há uns 200 mil, dos quais só nos últimos 50 mil apresentou um comportamento onde nós próprios nos reve-mos (e, mesmo assim, de forma muito relativa). Dinossauros é, pois, coisa que pertence a uma outra dimensão, não apenas temporal mas até mesmo espacial, visto que os contornos das terras e dos mares eram, naqueles tempos recuados, muito diferentes dos de hoje. A Lourinhã, por exemplo, não era a localidade costeira da Estremadura portuguesa aonde hoje podemos ir passear, mas um simples ponto no louco mapa de um planeta em contínua transformação. Como, porém, a descoberta das pegadas e a organização do museu datam de há poucas décadas (o que também é válido para o Túnel de Carenque), o passado remoto e o presente encontram-se ao virar da esquina. Bem, a verdade é que nada vive apenas no presente, como se fosse no tal quarto fechado, embora a desatenção de muitos de nós ao que realmente importa leve a pensar isso.

A HUMANIDADE BATE À PORTA

Mas vamos em frente, ao encontro de seres o mais parecidos possível conosco. E o primeiro que encontramos (ou que encontraram os arqueólogos em 1998) é o cadáver de uma criança sepultada no Vale do Lapedo, a uma dúzia de quilómetros de Leiria, há 24 500 anos – uma coisita de nada em comparação com o tempo dos dinossauros. A importância deste achado está no facto de tudo indicar que se trata do cruzamento de um ser humano de Cro-Magnon, que é a nossa família, com um de Neandertal, que era um ramo do *Homo sapiens* por assim dizer um pouco mais tosco e, ao que se supõe, hoje extinto (embora haja quem diga que não, e olhando à nossa volta na rua e nos transportes públicos acabamos por concordar). A sério: a tratar-se mesmo de um cruzamento, pode estar assim encontrado o motivo do desaparecimento dos neandertais – não por extinção, mas por absorção.

Como reparou, entrámos já na História humana, ou antes, na Pré-História, que é o nome que se dá aos tempos em que a nossa espécie ainda não tinha inventado a escrita. Assim de repente, o analfabetismo dos nossos antepassados pode deixar-nos completamente indiferentes, mas olhe que é *mesmo* importante: quando eles passaram a legar-nos documentos escritos, a reconstituição do passado tornou-se muitíssimo mais fácil. Pense na dificuldade de reconstituir as instituições e a política internacional a partir de ossos, pontas de seta e cacos de cerâmica encontrados no solo. O próprio Sherlock Holmes teria fortes dores de cabeça, e do Dr. Watson nem se fala.

OS PICASSOS DO VALE DO COA

Prosseguindo a viagem, deparamos um pouco à frente com um grupo de homens rudimentarmente vestidos, munidos de lanças, arcos e flechas, a perseguir uma manada de mamíferos de grande porte que fogem aos berros. Passa-se isto no vale do rio Coa, na atual Beira Alta, há uns 20 mil anos. Esta gente caçava os ditos animais, comia a sua carne e vestia-se com as suas peles. Era ainda com os ossos dos infelizes quadrúpedes que estes nossos remotos antepassados fabricavam as armas utilizadas na caça, e com os nervos dos mesmos que cosiam os casacos de peles que usavam para se protegerem do frio, e que as senhoras de então ostentavam com comovente vaidade.

O quadro aparece perfeito na nossa imaginação. As coisas podiam não ser exatamente assim, mas a imagem é tão forte que perdura. É esta estranheza, esta diferença, que nos encanta e nos aproxima do passado muito distante, em vez de dele nos afastar. Apesar das diferenças, aquelas mulheres e aqueles homens não deixavam de ser humanos como nós, de sentir a alegria no

peito, e na garganta o aperto das tristezas. E as crianças iam para um canto da caverna dar pulinhos de contentes.

O vale do Coa, na margem esquerda do Douro, é, em todo o Mundo, um dos locais ao ar livre onde existem, gravados na rocha, mais desenhos da autoria dos nossos antepassados da Pré-História. O museu agora existente no local ajuda a compreender e a enquadrar o conjunto arqueológico. As imagens representam sobretudo bois e cavalos, animais que ainda não tinham sido domesticados e que os humanos se viam por isso obrigados a caçar. Supõe-se que desenhavam as suas silhuetas crendo que dessa forma eles se deixariam apanhar mais facilmente. As gravuras mais antigas têm 20 mil anos, o que significa que foram traçadas 10 mil antes de a Humanidade ter aprendido a cultivar os campos e a domesticar os animais. Quer dizer, de ter saído do Paleolítico (Velha Idade da Pedra) e de ter entrado no Neolítico (Nova Idade da Pedra), que são as duas etapas fundamentais da Pré-História anterior ao fabrico de instrumentos de metal pela espécie humana. Seguir-se-iam as idades do Cobre, do Bronze e do Ferro. Refletindo bem, encontramos-nos ainda nesta última, apesar do avanço dos materiais sintéticos. Olhe para o candeeiro que tem em cima da mesa, para as chaves que traz no bolso, para o seu carro, para o frigorífico, para os comboios...

As gravuras do vale do Coa foram salvas no último instante de ficarem submersas pelas águas de uma barragem. Recordar-se da discussão à volta delas? Se não é muito jovem, sim. Foi em finais de 1994. Uma barragem ia afundar nas águas do progresso alguns rabiscos gravados há 20 mil anos nos pedregulhos da encosta por uns selvagens que não sabiam ler nem escrever. Mas, afinal, parece que quem não sabia ler nem escrever eram os empresários e os políticos que pretendiam construir a dita barragem. Os arqueólogos alertaram a opinião pública para o que se passava, a população mexeu-se, nasceu um grande movimento nacional, popularizou-se o *slogan* «as gravuras não sabem nadar» e a barragem ficou em águas, não do Coa, mas de bacalhau.

Hoje existe ali um museu, há percursos traçados, visitas guiadas, etc. Só é pena uma coisa: como as gravuras das rochas representam sobretudo animais, não nos ensinam muito acerca da vida quotidiana dos seus autores.

PEDRAS VELHAS E PEDRAS NOVAS

Aliás, as barragens, de construção quase sempre polémica, fazem muitas vezes vir à tona riquezas arqueológicas esquecidas. A do Fratel, nos vales do Tejo e do seu afluente Ocreza, revelou, no início da década de 1970, o imenso património constituído pelas cerca de 40 mil gravuras pré-históricas distribuídas pelos concelhos de Vila Velha de Ródão, Nisa e Mação, formando